

**SALA DE AULA DA EJA – saberes vivências e realidades dos estudantes em foco**

**Larissa Lays Lima da Silva**  
(UFAL)

([LarissaLays24@gmail.com](mailto:LarissaLays24@gmail.com))

**Carolina da Silva Baptista**  
(UFAL)

([Carolina.baptista@cedu.ufal.br](mailto:Carolina.baptista@cedu.ufal.br))

**Valéria Campos Cavalcante**  
(UFAL)

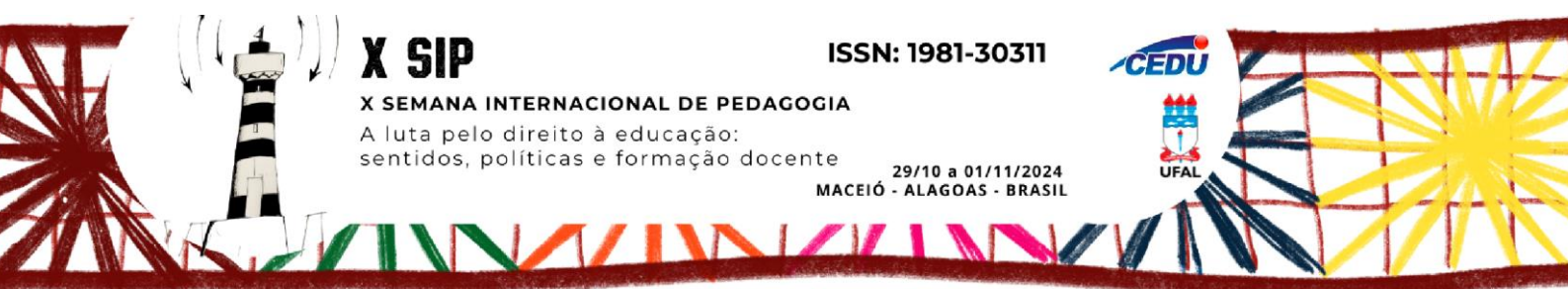
([Valeria.cavalcante@penedo.ufal.br](mailto:Valeria.cavalcante@penedo.ufal.br))

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel crucial na promoção da igualdade social e no acesso à educação para todos, entende-se que a educação oferecida para público de jovens e adultos trabalhadores representa o direito de estudar para aqueles que não tiveram acesso, desistiram ou não puderam concluir, ou que entraram e saíram da escola por diversos motivos, interrompendo sua formação escolar em outros momentos da vida.

Como perspectiva do Direito, a EJA aparece inicialmente no Art. 205, da Constituição Federal (1988), que trata do direito a Educação: “o direito a educação é para todas as pessoas”. Também é reafirmada na LDB 9394/96: “VII - oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola”.

Falar sobre os educandos desta modalidade implica enxergá-los na condição de cidadão com especificidades e realidades próprias. Esses jovens e adultos segundo Moura (2007, p. 1) “podem ser caracterizados sob os aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, psicológicos, pedagógicos entre outros”. Os estudantes da EJA sofrem diversas dificuldades ao longo de seu percurso escolar, para que sejam sanadas essas adversidades a metodologia na EJA requer abordagens pedagógicas diferenciadas e sensíveis as experiências de vida e contextos sociais dos estudantes.



Estando essas questões postas, o presente estudo cujo o tema aborda: SALA DE AULA DA EJA – saberes, vivências e realidades dos estudantes em foco, tem como objetivo refletir sobre a necessidade de que educadores/as da EJA contemplem em sala de aula o perfil dos estudantes, suas realidades, saberes e vivências.

Ressalta-se que os sujeitos alunos da EJA são, na maioria das vezes, pessoas em situações de vulnerabilidade, com dificuldade de empregabilidade, necessitando da escolaridade para melhorar condições de vida, por isso acreditam e enxergam na EJA uma oportunidade para o seu aprendizado assim como também para o seu desenvolvimento pessoal.

## **2 OBJETIVOS**

Temos como objetivo refletir sobre a necessidade de que educadores/as da EJA contemplem em sala de aula o perfil dos estudantes, suas realidades, saberes e vivências.

## **3 METODOLOGIA**

Teoricamente, para realização da pesquisa, inicialmente foi efetuada a Revisão de Literatura, para averiguar o que já existe sobre o tema pesquisado, sendo analisado dois documentos legais, cinco obras e um artigo. Diante deste contexto, o presente estudo foca nas reflexões sobre os estudantes da EJA e a necessidade de que os educadores/as reafirmem em sala de aula os saberes, realidades e vivências dos estudantes, tendo embasamento em autores como: Arroyo (2017), Andrade (2004), Freire (1996), Freire (1987), Freitas e Cavalcante (2021), Moura (1999), o livro o primeiro caderno da EJA (2006) e Constituição Federal 1988 (Brasil, 1988) e LDB 9394/96 (Brasil, 1996).

Essa pesquisa bibliográfica, foi realizada com intuito de buscar informações relacionadas os perfis dos educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), focando nas expectativas e dificuldades enfrentadas por esses sujeitos, e os impactos dessas problemáticas no desenvolvimento escolar, com isso, entende-se que este texto poderá apresentar caminhos para a escola e educadores/as da EJA ampliarem a visão sobre os estudantes da modalidade, ampliando possibilitarem uma educação emancipatória.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**



Diante da pesquisa realizada pode-se afirmar que o percurso realizado pelos educandos da EJA é marcado por grandes dificuldades em diversas esferas, dentre elas, a distância, trabalho, família, tempo e esgotamento físico/mental, fatores esses que acabam reforçando o “fracasso escolar”, entendendo que as passagens pela escola para os educando/as da EJA são marcadas por casos de exclusão, rótulos, estigmas, que muitas vezes causam e insucesso escolar, causando uma autoimagem fragilizada, ressaltando inseguranças e baixa autoestima.

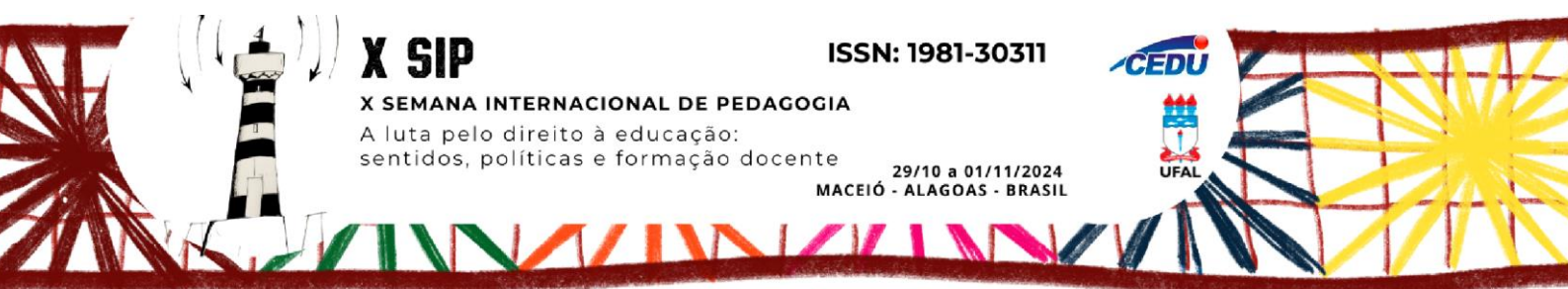
Sobre o tema Arroyo (2007), em sua obra “Passageiros da noite: do trabalho para a EJA - Itinerários pelo direito a uma vida justa”, traz reflexões sobre os trabalhadores-estudantes da EJA:

Há uma imagem chocante nas nossas cidades: final da tarde, filas de adolescentes, jovens e adultos à espera de ônibus para deslocarem-se do trabalho para os centros de EJA. Imagem ainda mais forte entrada a noite: filas desses mesmos adultos, jovens, adolescentes esperando os ônibus desses centros para os bairros, favelas, vilas. Deslocamentos noturnos do trabalho à EJA, e desta para a moradia distante. Que sentidos humanos, humanizantes-desumanizantes vivenciam nesses deslocamentos que poderão durar alguns semestres e anos até completarem o percurso dos requisitos exigidos para conclusão dos ensinos Fundamental e Médio? Poderíamos vê-los como “passageiros da noite?” Será assim que eles e elas se pensam?<sup>3</sup> [...]. (ARROYO, 2007, p. 21-22).

Concordando com Arroyo, entendemos que sujeitos da EJA de diferentes locais da cidade pertencente a uma jornada extensa e árdua, que se inicia de madrugada e perdura até tarde da noite, tendo suas experiências educacionais iniciadas na infância e que por alguma razão necessitaram dar uma pausa nos estudos, e que posteriormente veem nas escolas da EJA uma oportunidade de novas significações e retomada de antigos anseios.

Segundo Moura (1999), esses jovens e adultos que ingressam na EJA tanto da zona rural quanto da zona urbana são pertencentes a classes sociais baixas, sendo assim, precisam desde cedo trabalhar para ajudar sua família, com isso, acabam deixando os estudos para segundo plano, alguns ainda conseguem frequentar a escola realizado o ensino fundamental, mas não dar continuidades pelos deveres necessários, em outros casos são reprovados por falta.

De acordo com Arroyo (2001), os sujeitos da EJA são condicionados a lugares menos favorecidos em esferas sociais, culturais, políticas e pedagógicas. "os lugares sociais a eles reservados – marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis... – têm condicionado o lugar reservado a sua educação no conjunto das políticas públicas oficiais" (ARROYO, 2001 apud ANDRADE, 2004, p. 10)



É relevante pontuar que os jovens, adultos ou idosos que ingressam ou reingressam na escola já possuem muitas experiências, vêm de outras realidades quando iniciam a escolarização, possuem responsabilidades com trabalho, família entre outras, possuem suas crenças e valores diversificados, formando assim turmas heterogêneas. Nestas salas circulam muitos saberes, mas também diversas dificuldades na mesma sala de aula, sendo assim, é importante que os/as docentes realizem atividades, que possibilitem a execução de diagnósticos para detectar os níveis dos estudantes.

Entende-se, portanto, que estudantes da EJA devem ter saberes, culturas e realidades reconhecidas nas salas de aulas:

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa. (BRASIL, 2006, p. 5).

Sobre essa temática, no livro *Pedagogia do Oprimido* Freire (1987) traz a importância da conscientização e do diálogo como meios de libertação nas salas de aula da modalidade. Isto é, na EJA é essencial promover reflexões críticas sobre a condição dos educandos, reconhecendo as estruturas opressoras que frequentemente contribuem para a falta de consciência de si, como dito por Freire:

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE, 1987, p. 20).

Logo, a práxis libertadora proposta por Freire sugere a integração e diálogo entre teoria e prática, educador e educando, sujeito e mundo. Conexões extremamente pertinentes para o contexto da EJA, que se traduz em ações que desafiam estigmas e fortalecem a identidade dos educandos, colocando a humanização como um pilar central, destacando a importância de reconhecer a



humanidade de cada educando, contribuindo para a construção/reconstrução de uma identidade positiva e emancipatória.

No livro *Pedagogia da Autonomia* Freire enfatiza o respeito à história de vida dos educandos em sala de aula, que se reconheça suas experiências passadas como fonte de conhecimento crucial para fortalecer a identidade, assumindo um diálogo contínuo e a participação ativa dos educandos como elementos que favorecem não apenas a aprendizagem, mas também a construção de uma autoimagem positiva.

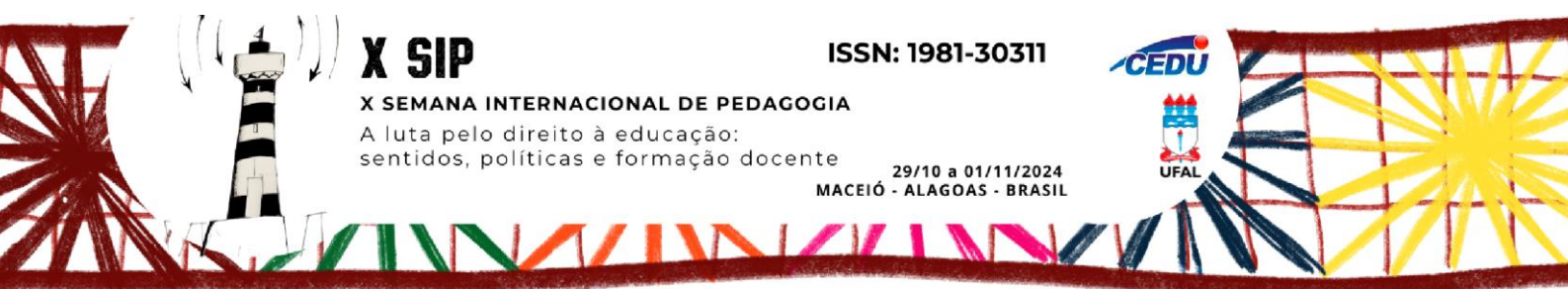
No texto “Mediações didáticas em uma aula de leitura na EJA – mulheres relendo suas realidades e o mundo”, das autoras Freitas e Cavalcante (2021), discute como educadores/as emergem como figuras extremamente relevantes na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sua função transcende a mera transmissão de conteúdo, adentrando a esfera da mediação do conhecimento com o propósito intrínseco de superar as barreiras culturais, sociais e epistemológicas que permeiam a sala de aula, entende-se que as mediações didáticas na modalidade em questão, envolvem aspectos simbólicos, culturais, sociais, epistemológicas e pedagógicas, constituindo-se em um campo heterogêneo, que atua sobre as habilidades cognitivas dos sujeitos.

Conforme ressaltado por Freitas e Cavalcante:

É por meio de mediações didáticas/dialógicas que ocorrem as interações na EJA, os sujeitos da aprendizagem produzem e ampliam seus conhecimentos. Partindo desse pressuposto, entende-se que a mediação didática nas aulas de leitura da EJA deve permitir a formação de leitores críticos, considerando que “a reflexão didática parte do compromisso com a transformação social, com a busca de práticas pedagógicas que tornem o ensino de fato eficiente [...]”. (FREITAS e CAVALCANTE, 2021, p.06).

Concordando com as autoras, entendemos a importância de reconhecer em sala de aula quem são os sujeitos da EJA, suas vivências, saberes e cultura, neste sentido, segundo Arroyo (2007, p. 266) educadores/as da EJA devem “dar vez à riqueza de vivências dos educandos e dos seus coletivos”, pois é dessa forma que se estabelecem as relações de aprendizado, por meio de situações envolventes, dinâmicas e contextualizadas.

Cabem então aos educadores utilizarem metodologias inovadoras e didáticas diversificadas buscando um relacionamento saudável com os educandos, já que o objetivo deve ser proporcionar um ambiente rico de aprendizagens, sendo indispensável a formação do indivíduo e a mesma deve ser efetiva e plena, focando na superação da exclusão, promovendo um conhecimento emancipatório.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto traz como objetivo refletir sobre a necessidade de que educadores/as da EJA contemplem em sala de aula o perfil dos estudantes, suas realidades, saberes e vivências, estabelecendo relações dialógicas. Ressalta-se que os sujeitos da EJA são, na maioria das vezes, pessoas em situações de vulnerabilidade, é a partir da observação da realidade dos estudantes da EJA que tecemos algumas considerações para sistematização do conhecimento.

Conforme argumentado ao longo do texto, são várias as razões para que se priorize os saberes dos educandos, promovendo aprendizado contextualizado, mediante a realidade dos mesmos. Entende-se, portanto, a necessidade de que estabeleça relações dialógicas nas salas de aula da modalidade, através do diálogo, respeitando as diferenças, vivências e realidades dos educandos, bem como suas visões de mundo.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA – Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL. Cadernos EJA 1: Trabalhando com a educação de jovens e adultos – Alunas e alunos de EJA. Brasília: MEC/SECAD, 2006. BRASIL.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Congresso Nacional. Constituição da República Federal do Brasil. Brasília, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª. Ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Marinaide Lima de Queiroz; CAVALCANTE, Valéria Campos. Mediações didáticas em uma aula de leitura na EJA – mulheres relendo suas realidades e o mundo. Revista Educação UFSM, Santa Maria, v. 46, 2021.

MOURA, Tânia Maria de Melo. Os alunos Jovens e adultos que buscam a educação de Jovens e Adultos: Quem são e o que buscam na escola. Maceió: EDUFAL, 1999